



N.º 7 — LISBOA, 26 DE FEVEREIRO

1.º ANO 1903

PARODIA

COMEDIA PORTUGUEZA



Publica-se ás quartas-feiras
Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador da
PARODIA-COMEDIA PORTUGUEZA
PREÇO AVULSO 20 RÉIS
Um mez depois de publicado 40 réis

Redacção e administração — RUA DO GREMIO LUSITANO, 66, 1.º
Assignaturas (pagamento adiantado)
Lisboa e provincias, anno 52 num. 12000 rs. || Brazil, a no 52 numeros..... 23500 rs
Semestre, 26 numeros..... 5500 rs. || Africa e India Portuguesa, anno 12000 rs.
Cobrança pelo correio..... 2100 rs. || Estrangeiro, anno, 52 numeros... 13500 rs.
NOTA: — As assignaturas por anno e por semestre acceptam-se em qualquer data ;
tem orém de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho

EDITOR — CANDIDO CHAVES
COMPOSIÇÃO
Minerva Peninsular
111, Rua do Norte, 115
IMPRESSÃO
Lythographia Artistica
Rua do Almada, 3a e 3a

CINZAS



Agora — nós!

CINZAS

Na hora em que começardes a lêr esta chronica, os sinos dos campanarios chamar-vos-hão á delicada cerimonia da egreja, que consiste em vos pôr—na testa—um symbolico T.

Porque, como mãe carinhosa a egreja tem o cuidado de não nos largar com recommendações, avisos e leixivias de toda a especie, desde que abrimos os olhos á luz, até que elles nos fiquem sem luz e abertos.

Nasce uma creança, a alegria e o enlevo dos paes. Lava-se: o corpiço de uma flacidez de pudim gelado, tem a graça d'um hamulêto, o encanto d'um pequeno sonho côr de rosa.

Diz a parteira:—é um anjinho!

O medico:—bella creança!

Uma tia:—um amor.

Vem o padre:—é um immundo!

E apontando-lhe para o pescoço indica a proeminencia d'um bocado de maça que anda a engasgar a humanidade desde o pae Adão.

E, como é um immundo, ainda depois de bem lavado pela comadre, é preciso baptisal-o, tirar-lhe a mancha do peccado original.

E levam-no á pia.

Cresce. Aos sete annos entra no periodo da razão!

—E' preciso cuidado, diz a mãe.

—E' precisa a gymnastica, diz o medico.

—E' preciso tratar da alma, diz o padre.

E, lá vae para o tribunal da confissão, a limpar-se por dentro, assim como quem tomou, salvo seja,—um laxante.

Os cuidados não cessam nunca em todos os casos da vida, a todas as horas.

Somos ricos? diz-nos logo a egreja que é mais facil metter um camello pelo fundo d'uma agulha do que salvar-mo-nos.

Somos felizes? Não temos dôr nos callos? Gosamos de uma bella saude?—Bemaventurados os que soffrem! Andamos alegres?—Bemaventurados os que choram!

Prende-nos o amor? Ao primeiro echo d'um beijo, ella que ronca:—acautelae-vos, porque não sabeis o dia nem a hora!

Isto pela vida fóra, até á morte.

Já é cuidado!...

Influe-se um pobre homem com o carnaval, gasta o seu dinheiro em dominós e bisnagas, *confetti* e serpentinas; esquece, um bocado, o rastejar da vida e atira-se á folia.

Cabriola, salta, põe um nariz de papelão e um bigode de estopa, veste-se de macaco ou de embaixador, bebe-lhe mais uns golos e, chapeu ao lado, expansivo, alegre como um collegial em férias, entra pelo baile de mascarar.

Alli, as luzes, o ruido, o calor, o perpassar dos decotes, exaltam-no, transtornam-lhe a cabeça, exigem-lhe que seja um boccadinho imperador romano. Isto leva-o a cortejar a primeira menina chegada de Lesbos que passa, a abancar com ella ante a salada de camarão e a travessa das ostras.

A vida não é tão má como parece; as mulheres não são tão ariscas como se fazem; afinal!

E, começa a fazer castellos no ar, passeando a vista pelo collo da companheira, apertando-lhe subrepticamente por debaixo da meza a mão polpuda e dando-lhe palmadinhas na coxa.

Um copo de Champagne? porque não? E' uma vez no anno, seja.

O Champagne destrava mais a lingua, conversa-se... a noite avança... a manhã rompe. E' preciso sair.

Vae um homem em direcção ao sonho final, a pensar que é ave, que é borboleta, com a flôr ao lado... quando os bronzes soam, as portas dos templos abrem-se e a voz da mãe sempre sollicita intima, lá de dentro:—lembra-te, ó homem, que és pó e em pó te has de tornar!

Que espiga!

Entrámos no tempo santo.

Depois d'essa orgia de *confetti*, com que manchámos os fraques e as ruas,—ó meus irmãos,—depois d'esse impudico peccar publico, com que compromettemos a nossa alma, perante o tribunal da eterna justiça; peccar por pensamentos: acariciando, na mente, as fórmulas provocadoras dos pagens de botina apiorrada, capinha e gorro; peccar por palavras: dirigindo galanteios de Brantome ás mascarar femininas; peccar por obras: misturando cynicamente um abraço com uma aza de perdiz e um beijo com um copo de Madeira, escutando as vozes maternas da esposa do Senhor, o que nos resta?

A Penitencia!

Entra pois no templo, ó homem, e de joelhos, verdadeiramente arrependido, ajoelha-te ante a rotula onde espreita o teu arrependimento o bom do padre sollicito pescador de almas e dos cobres da desobriga.

Deixa que elle te ponha na testa o T symbolico, porque ahi ficará bem, perfeitamente no seu logar.

Se não entenderes a phrase latina que acompanha a sua imposição, sabe que significa:—lembra-te, ó homem, que és tolo e que tolo has de acabar!

Uma chronica em quarta feira de cinzas, devia acabar, naturalmente, n'um sermão de quaresma.

Irmãos, oremos.

M.





Sabbado gordo

(Conselhos de um pae a seu filho)

Eis aqui o sabbado gordo. Não faças cerimonia. Pede licença a tua mãe e sáe. Sáe e não tenhas pressa: volta quando quizeres, na quarta ou na quinta mesmo—não importa! Não estaremos em desasocgo. No nosso paiz ninguem se perde. Lisboa é um quintal. Se te extraviasses, acabarias por ser encontrado n'uma valeta, ou n'uma noticia do *Seculo*. Andarás por ahí, dormirás em casa de Aspasia, apanharás o teu pifão, levarás o teu socco, passarás talvez uma noite no Governo Civil. E' a mocidade e é do, livros. Eu tambem fui moço. Somente, escuta! Não vou dar-te conselhos — tranquillisa-te! Ao contrario, vou dar-te dinheiro. Aqui tens. Os conselhos — eu sei! — são o egoismo dos velhos. O que nós prohibimos a nossos filhos é em geral aquillo que nós proprios já não podemos fazer. Escuta! Tu és, como eu, sentimental e romanesco, e, posto não tenhas lido o Rolla, porque vossês, filhos, não leem hoje em dia coisa alguma que preste — és neto de Rolla. Eu sei! eu sei! Musset! Poesia simploria, lyra de costureiras e modistas! Deixa fallar: és neto de Rolla.

Aqui tens, pois, o teu caso. Vaes sair e se não vaes entrar amplamente na vida, vaes pelo menos entrar no baile do D. Amelia. Que levas contigo? Commoção... Não digas que não. Sempre que um homem moço e imaginativo entra em um baile de mascaras, elle vae commovido. Não sabes porquê? Porque esse homem vae buscar a mulher que suppõe velada em sua busca tambem. O braço roliço que se presente sob a seda do dominó, a oeia no restaurant, o vinho que se ha de entornar — eis a menor das coisas! Na imaginação da juventude, o que ella vae buscar ao baile de mascaras é o Amor—não o Amor—Codigo Administrativo, que fica em casa a bordar a branco e a sonhar um marido que recolha cedo, mas o amor supremo, *à l'essenc divine*, que não tem lar, nem domicilio, nem familia, nem patria, nem moral, nem codigo e que não é preciso pedir em casamento, porque se offerece e é dado como tudo o que na vida é largamente generoso. O mysterio torna maior esta bella illusão. Uma mulher mascarada é duas vezes enigmatica, porque o é pela mascara que a cobre e pelo eterno enigma da sua personalidade indecifrável. N'um baile de mascaras, uma mulher pode ser tudo—mesmo um homem. A mim já me succedeu. Quem imaginas tu que está por detraz d'aquella mascara, onde brilham dois olhos que parecem buscar-te? E' Margarida de Valois, é Maria de Neubourg, é Anna Bolena. Para a tua imaginação tudo é possível, porque no baile de mascaras tu vês todas as mulheres em tua busca—todas! Rainhas que descem dos seus thronos para te possuirem, cortezãs que se envolvem de mysterio para beber nos teus labios a pura essencia do amor. Fatuo! Não te rias. O homem é feito da mais insolente vaidade.

Mas — ai de ti, meu filho! Margarida de Valois, Maria da Neu-bourg, Anna Bolena, a mesma depravada Cleopatra não estão sufficientemente penetradas da tua sedução até ao ponto de descerem dos seus sarcophagos para te virem buscar ao baile do D. Amelia e te arrastarem aos seus leitos d'amor. Que encontras então, querido filho? Encontras aquelle dominó feito em casa, que se acerca lentamente de ti, vem sentar-se ao teu lado e te fala de Bourget.

Ah! não conheces? O dominó que faiz de Bourget procura dar a impressão de que é um dominó da sociedade, e Bourget, como tu sabes, é litteratura *five o'clock*. Bourget, por detraz de uma mascara, mesmo no D. Amelia, sobressalta. O teu coração estremece. E' o Amor, porque o amor no nosso tempo aliteratado, vem sempre acompanhado de litteratura. Immediatamente, annuncias aos teus amigos o dominó e Bourget. Esta noticia propala-se, o baile sente-se nobilitado. O teu amigo Damaso Salcedo affirmará, de *smoking*, a superioridade da civilização portugueza. O nosso Palma Cavallão não deixará de inculcar mais duas hespanholas para a ceia. Entretanto, perturbado e cioso, avido de conhecer um amor refinado que se inspira em requintados cultos litterarios, tu arrastarás, meu filho, o teu enigma para algum d'esses antros de cretone onde o homem dos nossos dias costuma sepultar as suas illusões e que nós commum e obscenamente chamamos — gabinetes reservados.

Bourget recusar-se-ha a tirar a mascara. Ah! o seu mysterio é a sua fortuna. Terá já pedido um *beef* do assem, tel-o-ha mesmo recommendado — abem passado, n'uma lingua tão pouco litteraria como é a dos brutos appetites do corpo e ainda tu, refractario a todas as evidencias, imaginativo, aliteratado, sentimental e romanesco, procurarás espiritualisar com exaltação esse raro momento da tua vida. Em geral, os homens temem as mulheres de espirito. Tu estarás receioso. Cuidarás com esmero do teu vocabulario, e principalmente — pobre de ti! — velarás por que os teus actos estejam em perfeita concordancia com a alta espiritualidade da situação. Virá no entanto a ceia, virão os vinhos e as aguas-ardentes. Bourget deixará cair emfim a mascara, e tu que és joven, tu que és bello, tu que és esplendorosamente viril encontrar te-has, meu filho, face a face, confundido e vexado, não com Colette, ou Madame de Moraines, como suppunhas, grandemente dignas do teu amor pelo viço da sua carne e pelas agilidades do seu espirito, mas com aquella quarentona bem falante que em todo o baile de mascaras disputa os rapazes novos ás mulheres bonitas.

E serás, eu t'o affirmo, muitissimo infeliz.

Tem cautella! Ah! está o que eu queria dizer-te. Os prazeres do corpo não se devem perturbar com exercicios da alma. E' de boa hygiene. Nada de Bourget, Queres litteratura? Vae ali ao Curso Superior de Lettras. Lá tens o succulento Theophilo. Queres mulheres? Vae ao baile, mas no baile, toma o conselho — nada de espirito.

Quando uma mulher de espirito apparece n'um baile de mascaras, por via de regra é feia...

JOÃO RIMANSO.

QUARTA FEIRA DE CINZAS

DIARIO DO GOVERNO

Declaro assumir a *precipua* responsabilidade.

Fica revogada a responsabilidade em contrario—Paço. *Ernesto Rodolpho Hintze Ribeiro*.

Williams!... Williams!—*Teixeira of Sousa*.

Tenho um não sei qué
Tenho um não sei qué
de poesia...

Pimentel Pinto.
Ai adeus! acabaram-se os dias!
Mattoso dos Santos.
A justiça é cega!
Campos Henriques & Irmão.
Commissões... e
consignações.



Diario de Noticias

500\$000

Offerece-se a quem arranjar emprego vitalicio, de 12000 réis diarios. Guarda-se segredo, dirigir com as iniciaes F. M. V. á administração d'este jornal.

Melo Calheiro

Com pratica de chá, offerece-se. Rua da Palma, 19.

Quarto Independente

Com porta para a escada. Alugase a cavalheiro de probidade, Rua da Magdalena, 125 8.º Esq.

Editor responsavel — **Baptista Borges**.



O SECULO

Tiragem d'hontem

545:429 exemplares

Justiça! Justiça! Justiça!

Tracção electrica — mais uma vez, etc. Paris 20.

Acabou o *Moulin Rouge*, onde o chronista do *Seculo* passou tantas bellas soirées, bebendo o bello bock de 30 centimes com *Nini-Pathe-en lair* e *Rayond'or*, as etoiles do *chaut*.

Estivemos hontem em pleno *boulevard* com o nosso amigo *Lopes de Sequeira*, que veio fazer o seu fornecimento de fazendas da estação.

X. de C.

Ha dois dias que não temos noticia do nosso amigo *Almada Negreiros*.



O POPULAR

Notas politicas

Tó rola...
Perdigão perdeu a penna
Pois sim, mas anda lá...

Ora vae tu
Ora vae tu
Ora vae vae

O linda prenda!
O lindo amor!

Alma humana

Os meus tres effectivos. Os de *Cerva e Mondim*. Os 80 %, O conselheiro encravado—O commendador *Francisco*.—Contos largos — Está direito.

A. P.

Registo azul



O DIARIO

Noticias do Outro Mundo

Casos assombrosos—O espectro do *gilvaç do Becco do Falla Só* — Um descrente que já cre — Bilhete postal do outro mundo—Aviso aos colleccionadores.

Sr. Redactor.

Fui outr'ora um descrente, mas depois que assisti a uma sessão de espiritismo, em casa de Z, estando presentes X. P. T. O... etc.

— Publicaremos amanhã o retrato do espectro do *Becco do Falla Só*, com dedicatória do espectro.

— Temos em nosso poder um bilhete postal authentic do Outro mundo. Inserir-o-hemos amanhã.



A EPOCA

EXPEDIENTE

Esperamos que o publico continue a favorecer-nos com a sua criteriosa preferencia

Na agencia da *Epoca*, por cima do *Freire Gravador*, ha amostras de café.

Telegrammas

Operoso ministro—*Goiabada*—*Sorocabanas maxixe*

Rio, 12 — Saiu operoso ministro *Murtinho*. Chegou *Campos*. Importante remessa *goiabada sorocabana*, baixa-maxixe alta. *Partiu Lisboa* nosso amigo *J. J. Guimarães*, ex-passageiro do vapor *Orenoque*.



O JORNAL DO COMMERCIO

A Ordem pela Liberdade, a Liberdade pela Companhia dos Tabacos

Companhia dos Tabacos de Portugal

Qualidades de tabaco á venda nos estancos e preços a retalho

Charutos finos

Cortados..... 10 réis
Operas..... 15 réis
Reinitas e Carmen..... 20 réis

Cigarros

Almirantes.... 20 réis
Havano, repic.. 10 réis

Casa Havana—*Hotel Central*—*Consulado da Belgica*—*Asylo de Santo Antonio*—*Importação e exportação*.



VANGUARDA

FOLHETA DA "VANGUARDA" — 12 DE FEVEREIRO DE 1903

Rocha Martins

BOCAGE

PRIMEIRA PARTE

Não lamentos, ó Nize...

A idéa republicana no Bombarral

A alevantada e digna campanha em prol da reorganisação do partido...

Pequena Arcada

Nota final

Eduardo José Gaspar—administrador.



O JORNAL DO COMMERCIO

High Life

Assistencia elegante, hontem, na Avenida:

Ex.^{mas} senhoras:

Duquezas.....

Marquezas.....

Condessas.....

Viscondessas.....

Baronezas.....

e o automovel do sr. infante.

Assistencia elegante hontem no Chiado:.....

Sport, Lawn-tennis, foot baal, five-o'clock.

Trêfle incarnat-Bluets.

Amanhã mesmo retira, Remember.



O MUNDO

A Liberdade da Imprensa

Proclamação dos direitos do homem — Convocação dos Estados Geræes — O *Lapis Azul* — O *Mundo* mais uma vez apreendido — Situação intoleravel.

Nós e a Policia

E' simplesmente monstruoso o queperseguição, porém.....

.....lapis azul.....

.....violencias que não.....

.....Parreirinha... Pina Manique... Sem commentarios



Novidades

Casos do dia

O ministerio não cæe nem fica, antes pelo contrario. As nossas informações concordam exactamente com as do illustre collega.

—O maximbombo da *Calçada da Estrela* lá encalhou outra vez. Temos para peras.

—A guerra no horizonte: *Tokio*, 25—*Partiu para Caracas* um eruditor japonês.

—*Carnaval das pobres*—Estão já tomadas cinco janellas sobre o *Chiado*. Restam tres.

Quem dá para os pobres?

Chronica elegante do estrangeiro.

Espectaculos:—Todas as noites, traducções do nosso collega *Mello Barreto*.



O DIA

A Lisboa Nova

Palestra com o sr. conselheiro Ressano Garcia—*Em casa de Ressano Garcia*—*No gabinete de Ressano Garcia*—*O copo de leite de Ressano Garcia*—*Parque monstruoso*—*Civilisação progresso*—*Hip! hip! hurrah!*

Lá fóra, a manhã cantava no azul luminoso.

—Será então o *Bois*, o *Prater*...

—Exactamente, o *Prater*—disse: Uma creada veio com um copo de leite.

—Como vê, estou ainda no regimen lacteo.

Desdobrou o plano.

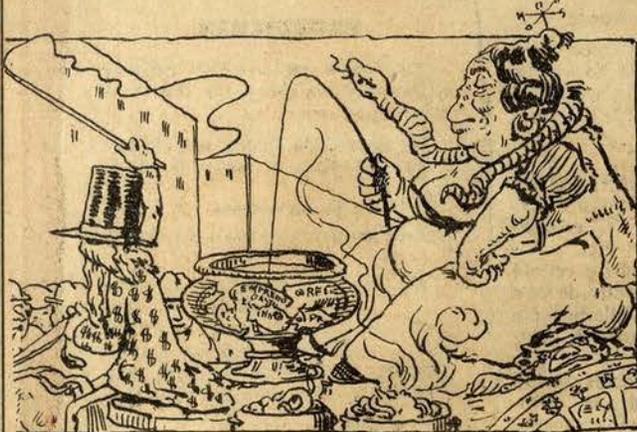
Nas arvores, os passaros alacres chilreavam...



Recebemos e agradecemos

Do nosso amigo e collega Celso Herminio recebemos um interessante album—O Carnaval desmascarado—projecto de uma mascarada allegorica para o carnaval de 1903. Editor, Gomes de Carvalho. Agradecendo-lhe penhoradissimos a gentileza da sua offerta, pedimos-lhes licença para reproduzir aqui na nossa Parodia algumas das suas graciosas composições.

São ellas:



O Carro da Politia



O Carro das Lettras



O Carro da Imprensa.

OUTRA NA FERRADURA

Sabbado gordo.—Antes do Carnaval. Entrevistado pelo redactor de um jornal da tarde, o sr. Mello, thesoureiro da Associação da Imprensa e um dos promotores mais entusiastas do Carnaval civilisado—rapazes! é preciso animar isto!—declarou que as bisnagas vulgares devem ser substituidas por outras.

— Por outras? inquiriu o jornalista.

— Sim, respondeu o sr. Mello,—são as bisnagas de Nice, que se vendem n'uma pharmacia da rua Nova do Carmo.

Ficámos logo de pé atrás. Afinal, veio o Carnaval e hoje, sabbado gordo, procurámos na referida pharmacia as bisnagas de Nice.

Eram d'agua borica. Desistimos.

Interrogado sobre se se apresentariam muitos carros, o sr. Mello respondeu:

—Hontem esteve aqui o director de uma sociedade de Bellas, philarmonica...

— A Incrível de lá, não?

— Sim, mas boa, tornou o sr. Mello.

Ao que o jornalista retorquiu:

— Olhe que as coisas boas são as mais incríveis de todas.

O sr. Mello embatucou.

Exemplo de coisas boas e... críveis.

O sr. São Boa... ventura

O sr. conego Boa... vida.

— Já tem os nomes dos membros do jury que ha de conferir os premios? continuou inquirindo o redactor do Dia.

Resposta do sr. Mello:

— Sim senhor. São os membros... apprehensores.

O jornalista tomou nota.

Esclarecimento do Dia sobre o sr. Mello: «Foi elle quem escolheu os premios e os comprou. Lá estão no grande estabelecimento de ourives da rua de S. Vicente á Guia.

O grande estabelecimento de ourives de S. Vicente á Guia? Ah! já sabemos! — E' o Leitão da Guia.

Carnaval civilisado no Parlamento:

O sr. Hintze:— Os 64 mil contos de divida fluctuante não são da responsabilidade d'este governo. Cotejem as contas e verão que tem responsabilidades muito mais graves...

— E' falso! — protesta um sr. deputado.

— Isto é de carnaval! E' proprio d'um ministerio d'entrudo! — diz outro.

— E' extraordinario!

— Quanto mais alto falarem, menos eu ouço! — brada o sr. Hintze. — Comprehendo que a opposição proteste contra a administração do governo...

— Está claro que comprehende!

— Administração falsa e ruinosa! Accusações falsissimas!

— Ordem! ordem!...

O sr. presidente da camara agita desesperadamente a campainha.

À maioria:

— Ordem! Ordem!

— Ordem o quê? Comam e calem-se! brada um deputado da minoria.

Alguns deputados da maioria riem-se:

— Riem-se? pergunta o sr. Oliveira Mattos e voltando-se para um deputado — E' que v. ex.ª é talvez dos felizes contemplados com 14 contos!

Vae a falar um sr. deputado:

— Cale a bocca! diz outro.

O illustre deputado — informa um jornal — entupe.

O que poderemos chamar uma verdadeira batalha... de flóres.

Crise ministerial.

Boatos de saída do sr. Mattoso dos Santos.

Consta que para a sua vaga seria escolhido o mendigo... rico.

E' o que hoje, em todo o Portugal, offerece mais garantias para ministro da fazenda.

Se não é um modelo de moralidade é, pelo menos, um exemplo de economia.

O FERRADOR.

EXPEDIENTE

Por absoluta falta de tempo—O Carnaval esteve tão divertido!...—não podemos ter promptas as paginas de annuncios para este numero, do que pedimos desculpa aos nossos annunciantes.

Os annuncios marcados para este numero serão publicados no n.º 8. D'este modo em nada serão prejudicados nos srs. annunciantes.

Pelo Carnaval

N'um restaurante.

Duas horas da manhã. Ceia-se. A conversa corre animada. Fala-se de amores. Citam-se casos alegres.

—Nenhuma das que estão aqui, tem tido mais amantes do que a Julia, diz um dos convivas.

—Nenhuma?

—Nenhuma.

—E' verdade Julia? Porquê?

Ella, parando o copo em frente da bocca risonha.

—Porque para amar um homem é preciso, pelo menos, ter dois!



N'um baile.

Uma mascara, nova, é perseguida por um velho libertino.

—Não me masse; deixe-me.

—O' minha querida na minha idade, não ha perigo...

—D'accôrdo: pois é por isso mesmo.



Na rua. Uma atriz conhecida passa no seu estado interessante. Um admirador, abeirando a, sentidamente:

—Que semsaboria minha querida. Isso é um verdadeiro pontapé.

—Que quer? e sem poder saber quem foi o bruto que m'o deu!

A phrase correu logo até chegar ao Suisso, a uma meza de litteratos.

—Não admira, disse um d'estes, ao ouvir o caso?

—Não admira, porquê?

—Ella é muito myope.



Em D. Amélia

Dois rapazes perseguem com galanteios uma mascara de formas tentadoras. Um medico para um amigo:

—Sabes que impressão me dá aquella scena?

—?

—Dois sujeitos a disputarem qual hade ir primeiro para o hospital.



Oanoloneiro alegre

Mais polido o carnaval
Passou, com toda a elegancia,
Com serpentinas e tudo,
Diz um, que sempre diz mal:
«Que paiz original
Fecha-se a escola á infancia!
Abre-se a escola ao Entrudo!»

Corre a cidade um boato,
Zum zum de varias tramoiás...
Diga lá, ó senhor Hintze,
Onde é que param as joias.

Com a voz de rua em rua,
Nas casas, pelas tipoiás...
E' força que diga o Hintze
Onde é que param as joias,

Os comentarios fervilham
E incham mais do que boias:
Que é d'ell'as joias ó Hintze?
O' Hintze que é d'ell'as joias?

Altivo qual sege funebre
Dos funerarios Lagoias,
O Hintze não dirá nunca
Onde é que param as joias.

N. T.

A minha mãe

Quero casar, minha mãe,
E eu bem sei porquê digo isto:
Já fiz vinte, e está bem visto,
Que a coisa assim não vae bem!...

Não preciso de ninguém,
Que tenha habito de Christo;
De riquezas eu desisto
Porque nasci sem vintem!...

Quero um marido, homem grosso,
Embora seja casmurro
E sem graveta ao pescoço!...

Quero mesmo que dê murro,
Contanto que seja moço
E mais forte do que um burro!

J. A.

A Dívida Flutuante no Parlamento



Tanto a hão de soprar que um dia estoira !